

O PUNHAL É UMA FLOR VERMELHA

ISAÍAS

Francisco de Moraes Mendes

Curso de Comunicação Social da FAFICH

Nath atirou o punhal. Atingiu em cheio o olho vazado de David Bowie. O sorriso do cantor em direção a Nath foi como o retorno da punhalada. Nath jogou-se na cama e gargalhou de joelhos, os punhos cerrados, a cabeça ligeiramente inclinada para trás. De fora do quarto veio a voz da mãe: — Nath, de que você está rindo? — Nada não, mãe — a resposta se fez ouvir um tanto rispida.

Nath ficou sério e olhou para Bowie: legal, amigo? Minha pontaria é incrível. O olho vazado estava definitivamente morto. O sorriso contínuo é que irritava Nath. Fazia lembrar. Deitou-se.

A mãe não chegou a vê-lo chorar. Quando entrou no quarto trazendo uma muda de roupa, Nath, rapidamente, virou a cabeça para o canto da parede, fingiu risonar. O corpo de bruços, estirado, o cotovelo formando um ângulo, o pulso acima da orelha. A mãe saiu e Nath virou o rosto lentamente para certificar-se da porta fechada. Não estava. Erguendo-se rapidamente trançou-a, girando a chave. Deitou-se novamente, desta vez olhando o poster — o punhal cravado.

— Furei teu olho, cara. Eu sou uma pessoa terrível. Eu sou horrendo. Sou um monstro, cara.

O sorriso, cínico, respondendo. Passou a odiá-lo.

Nath deixou-se levar em silêncio. Na supressão de qualquer gesto, secou o ranger da cama e apenas os pensamentos latejavam. Passou a mão no olho, descendo-a pelo rosto esmagou a última lágrima.

O pensamento arriscou: sou um fracasso. Incitado respondeu a si mesmo: não, não, isso acontece. Tentou esquecer olhando uma gravura na parede: Guevara. Não demorou, voltou a remoer: por que logo comigo? Olhou o punhal — o punhal não é uma arma, o punhal é uma flor. Uma flor que torna vermelho onde toca. O punhal é uma flor... uma flor... Será que a mãe viu o punhal no olho dele? Muda esse sorriso, imbecil. Mas a mãe não viu nada, colocou a muda de roupa sobre a cadeira e voltou ao quarto de passar roupa. Tivesse visto, diria alguma coisa sobre. Não, não viu.

Pensou que podia escrever um poema sobre punhais. E sobre flores: o punhal é uma flor que finca e mancha. Olhou o punhal, mas viu foi o sorriso, o mesmo sorriso de Analu.

Analú. Desde Analu adiou o sorriso de Bowie. Trouxe o sorriso consigo, cravado fundo em seu dorso e fracasso. Ele instalou-se ali, no poster. Pregado na boca do anjo maldito, continuou caçoando dele.

Memória pálida: Analu tirando a roupa. Lentamente. O olho verde instigante. As mãos de Nath regendo o corpo de Analu, a pele suave, a superfície vampira. Analu deitada. Nath empapado de suor, o membro mole, desorbitado. O súbito desconcerto sem dó, sem bemol, a sinfonia muda do fracasso. Analu: — quê isso, Nath? — o riso cínico pulsando — você estava afim, Nath — a voz cortando. Ela bem que podia ser mais compreensiva, a burguesinha sacana. Estragou tudo dizendo: é que você é muito passiva, Analu. Irritou-a. Ela passou ao deboche, rindo dele imitava as bailarinas do Oriente mexendo a bacia. A voz propositalmente sensual: — você estava afim, Nath, você estava afim, Nath; faz essa coisa funcionar. Odiou Analu, desistiu repulsivo, a burguesinha prepotente, Analu.

— Quê isso, Nath?

Sabia que a gargalhada de joelhos tinha objetivo infundado. Ela insatisfeita e também derrotada não justifica nada. Não, a

derrota dela faz dobrar a sua, apenas isso. Cobrindo o rosto com as mãos, os olhos arregalados entre a fresta dos dedos, a cabeça martirizando: e se for para sempre, Nath ?

Não, não, não.

Virando-se de barriga para cima, suspende um pouco a bacia e desce a calça até os joelhos. Erguendo um pouco a cabeça contempla as coxas brancas e macilentas. Olha para o teto e desce a mão até o membro desmaiado. A memória traz Analu. Procura fugir dela, rebusca na memória corpos de geografia penetrada. Fosse a Soraia, teria compreendido. Ivone também. A Analu não. A burguesinha rindo na cara dele, como quem diz: você não pode mais, não pode mais, Nath. Alisa os pelos, desce a mão um pouco mais abaixo, circunda, ronda, esfrega a pele. Analu latente na memória: estendida nua, rindo. Analu descendo a mão, os dedos procurando a fenda, o movimento ritmado, olhando Nath como se ninguém presenciasse a cena. Analu pulsando, fechando os olhos, o espasmo, a convulsão final.

Ele aperta avidamente o membro, sente o sangue pulsando sem no entanto abastecer as cavidades. O membro desobedece e as lágrimas caem pelo rosto, pingam no lençol.

Analu.

Suspende a calça num gesto de esgotamento. Vira um pouco a cabeça. Nos olhos surge embaraçado o sorriso de David Bowie. O olho espetado ficando verde, os cabelos escorrem louros. Analu sorri do poster, cínica, o olho vazado.

Nath levanta-se de um pulo, corre até a parede, arranca o punhal do olho e desfere vários golpes no poster. Risca o punhal em direções diversas e os pedaços caem sem vida, a parede surge, o amarelo apunhalado.

Nath olha o punhal. A peça de duzentos anos ainda é capaz de brilhar. Verifica-o, da parte mais espessa ao silvo ponteagudo que ele parece emitir.

A mente esfarrapada vem instigá-lo: e se você não puder mais, Nath ?

Refugia-se no projeto do poema: o punhal é uma flor e quer ser sangrado.



Helvio
1980

A mente fustiga: e agora, Nath?

: O punhal é uma flor vermelha que diz não.

: Nath, e Analu, Nath?

Pensa e diz com uma voz profunda: — não. E repete mór-
bido: — não, não.

Grita: — NÃO! A mãe bate à porta. Chama: — Nath,
que foi?

Não responde. Olha da janela. Consegue ver outras jane-
las, os outros prédios. Antenas de televisão espetando o céu,
roupas penduradas nas áreas de serviço.

Aproxima-se da janela. O impulso com que enfia o punhal
no parapeito é o mesmo com que desfere o salto.